




**XVII ENANPUR**

SÃO PAULO • 2017



## **Foucault e a caixa de ferramentas: modos de pensar sobre a cidade, modos de agir na cidade**

Foucault and the toolbox: ways of thinking  
about the city, ways of acting in the city

**Coordenador: Fernando Augusto Souza Pinho, PUC  
Campinas, pesquisador, [fernandopinhossa@yahoo.com.br](mailto:fernandopinhossa@yahoo.com.br)**

**Debatedor: Robert Pechman, UFRJ, professor,  
[betuspechman@hotmail.com](mailto:betuspechman@hotmail.com)**

Filósofo *sui generis*, Michel Foucault (1926-1984) lançou novos olhares à compreensão do social, cujos reflexos transformaram campos de saberes e de práticas para além da filosofia, tais como a história, a psicanálise, o feminismo, as ciências sociais, entre outros. A trajetória intelectual de Michel Foucault é costumeiramente dividida em três momentos, fases ou domínios, segundo seus principais comentadores: a arqueológica (análise sobre a constituição do saber), a genealógica (análise sobre as formas de exercício do poder) e a ética/estética da existência (análise sobre o sujeito como portador e criador de uma conduta ética ou moral). Cabe destacar que tais divisões se constituem apenas como um recurso didático, já que, de fato, inexistem um início e um fim nítidos de cada fase, mas sim um entrelaçamento entre elas. Em entrevista concedida, nos anos 80, antes de sua morte, Michel Foucault elaborou uma espécie de síntese de seu programa filosófico – uma ontologia histórica, uma genealogia baseada em três eixos:

Primeiro, uma ontologia histórica de nós mesmos em relação à verdade através da qual nos constituímos como sujeitos de saber; segundo, uma ontologia histórica de nós mesmos em relação a um campo de poder através do qual nos constituímos como sujeitos de ação sobre os outros; terceiro, uma ontologia histórica em relação à ética através da qual nos constituímos como agentes morais (Dreyfus e Rabinow, 1995).

Como uma breve introdução ao pensamento de Michel Foucault, atravessaremos esse percurso, suas fases e conceitos fundamentais a partir de três obras, de modo a contextualizar o escopo e os objetivos desta sessão livre, a saber: o *A arqueologia do saber* como representante da fase arqueológica, o *Vigiar e punir* e *História da sexualidade 1: a vontade de saber* para a fase genealógica e os *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres* e *História da sexualidade 3: o cuidado de si* para a ética/estética da existência.

O discurso constituiu um dos termos e questões que atravessaram todo o pensamento de Michel Foucault. Em *A arqueologia do saber* (*L'archéologie du savoir*, 1969), livro que pretendeu sistematizar o empreendimento arqueológico foucaultiano, o discurso é definido como um conjunto de enunciados que se apoiam na mesma formação discursiva, “um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência” (Foucault, 2005). A arqueologia foucaultiana – que caracteriza um determinado empreendimento intelectual do autor, em especial no que se refere ao saber-poder – seria uma espécie de modalidade de análise do discurso na modalidade de arquivo. O arquivo refere-se ao conjunto de discursos efetivamente pronunciados, mas também é o sistema que rege o que pode ser dito e o surgimento de enunciados como acontecimentos singulares. Assim, Foucault especifica sua forma de análise do discurso e sobre as relações entre discurso e poder em sua obra:

Não tento encontrar atrás do discurso uma coisa que seria o poder e que seria sua fonte, como em uma descrição de tipo fenomenológico ou de qualquer método interpretativo. Eu parto do discurso tal como é. Em uma descrição fenomenológica, tenta-se deduzir do discurso algo que concerne ao sujeito falante; trata-se de reencontrar, a partir do discurso, quais são as intencionalidades do sujeito falante, um pensamento que está se formando. O tipo de análise que eu pratico não se ocupa do problema do sujeito falante, mas examina as diferentes maneiras pelas quais o discurso cumpre uma função dentro de um sistema estratégico onde o poder está implicado e pelo qual o poder funciona. O poder não está, pois fora do discurso. O poder não é nem a fonte nem a origem do discurso. O poder é algo que funciona através do discurso, porque o discurso é, ele mesmo, um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder (Foucault *apud* Castro, 2009, p. 120).

Uma de suas mais citadas contribuições é representada pela analítica do poder e sua relação com o saber. Usamos os termos “análise” e/ou “analítica”, seguindo o entendimento de Roberto Machado (1979), tendo em vista que “não existe em Foucault uma teoria geral do poder”. Entendemos, portanto, que as análises feitas por Michel Foucault, não somente acerca das relações de poder, mas também sobre o saber e o sujeito, eram resultado de uma formulação específica para cada objeto.

Sobre o poder, a novidade estaria na ideia de que ele não seria uma essência, algo localizado somente nos aparelhos do Estado, como acostumavam apregoar a economia política e a filosofia política; ao contrário, para Michel Foucault, o poder é uma prática social, historicamente constituída, e que se exerce em todo o corpo social como uma rede e da qual não se pode escapar. Por isso não existiriam pontos específicos de localização do poder, muito menos os seus donos e aqueles que dele estão excluídos. Por isso, onde há poder, há resistência, uma espécie de contrapoder, com os mesmos pontos móveis e transitórios. O poder não poderia ser visto apenas em sua conotação negativa, como repressão, destruição e violência. Foi importante reconhecer também sua positividade, o seu impulso para a criação e transformação. Nesta dupla concepção, o poder tem uma “eficácia produtiva”, já que agindo sobre o corpo busca torná-lo útil e dócil.

Em *Vigiar e punir* (*Surveiller et punir*, 1975), Foucault demonstrou que o indivíduo era o alvo daquilo que ele chamou de “disciplina” ou “poder disciplinar”, cujo objetivo era torná-lo um corpo dócil, “um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2009, p. 132). Nesse viés o poder disciplinar teria quatro características básicas. A primeira é um tipo de poder que organiza o espaço, distribuindo os indivíduos segundo um determinado objetivo específico. O controle do tempo é a segunda característica, que faz os indivíduos sujeitarem-se ao tempo visando o máximo de eficiência e eficácia produtiva. A terceira característica refere-se à vigilância como um instrumento de controle, onipresente e contínuo e sem limites, aos moldes do *Panopticon*, de Jeremy Bentham. Por fim, a última característica aponta para a presença de um registro regular do que era conhecido, o que implica que o exercício do poder produz um saber. Tem-se, portanto, que o poder disciplinar é um exemplar típico das relações de produção industrial capitalista, tendo em vista que foi através dele que se produziu o indivíduo necessário para o seu funcionamento e ampliação.

Foi no primeiro volume de *História da sexualidade* (*Histoire de la sexualité*, 1976) que Foucault chegou à elaboração dos conceitos de biopoder e de biopolítica. Ao estudar o dispositivo da sexualidade, o filósofo observou que não somente o sexo era alvo de poderes disciplinares, mas também todo um conjunto de procedimentos que gerenciava a vida e a morte. Ou seja, na virada do século XVIII para o século XIX, surge uma nova forma de exercício do poder, não mais direcionada ao indivíduo – como age o poder disciplinar, mas sim à gestão calculada da vida da população de um determinado corpo social – o biopoder. Porém, como destacou o próprio Foucault, a passagem do poder disciplinar para o biopoder não significa a exclusão de um pelo outro, e sim a integração de ambas as modalidades. A biopolítica seria constituída, como modo de exercício do biopoder, pelos mecanismos de normalização da vida da população. Fazer viver e deixar morrer sugerem um traço característico da biopolítica.

Com a publicação dos volumes 2 e 3 de *História da sexualidade* percebe-se mais uma metamorfose no interesse de Michel Foucault. O filósofo move-se para o passado grego para examinar os modos de constituição de si, caracterizando assim sua abordagem acerca da ética e da estética da existência. Eis, talvez, o momento em que se radicaliza a questão da liberdade, pensada como um exercício, como algo que tematiza o governo de si e o governo dos outros – a vida como um trabalho de si, a vida como uma obra de arte.

Nesse brevíssimo panorama, poderíamos afirmar que o que poderia mesmo caracterizar a filosofia de Michel Foucault seria, acima de tudo, uma inquietação. O filósofo se mostrou avesso a formulações rígidas, estando o seu fazer filosófico constantemente envolto em reformulações, conforme o avanço de seu pensamento e as questões empíricas por ele colocadas. Trata-se, pois, de um pensamento em constante crise: um pensamento que se debruçou sobre a crise do pensamento, bem como um pensamento em crise, os quais ousaram reinventar-se a todo o instante.

É sob esse horizonte, e numa perspectiva interdisciplinar, que a proposta desta sessão livre se assenta. Com base no pensamento filosófico de Michel Foucault, nossos trabalhos situam-se em pontos presentes nas suas abordagens arqueológica, genealógica e da estética da existência, compondo assim uma espécie de análise crítica de nossa contemporaneidade, a uma interrogação sobre a atualidade, apostando no uso das noções e conceitos foucaultianos como “caixa de ferramentas”.

**Palavras-chave:** Michel Foucault; Cidade; Sujeito urbano.

## **O esquartejamento das horas: a regulamentação do tempo e a instituição de um cotidiano urbano**

*Eliana Kuster, IFES, professora, [elianakuster@gmail.com](mailto:elianakuster@gmail.com)*

Partindo da detecção das novas formas de gerir o tempo que foram instituídas pelo capitalismo industrial, vamos falar sobre a constituição de um cotidiano que tem por base o sistema de produção capitalista aliado à vida urbana. Seguindo o raciocínio de Foucault que defende que um tema não preexiste a si mesmo, mas emerge dos acontecimentos de cada momento, é que abordaremos essa construção histórica que passará a ser denominada como cotidiano urbano. Este vai ser formado aliando as novas formas de comportamento ditadas pela vida nas cidades, a separação do tempo dedicado às diversas atividades a serem desempenhadas ao longo do dia e a instituição de formas de lazer aceitáveis aos cidadãos. É a partir da reunião desses elementos que se dará o estabelecimento de padrões de normalidade para várias das rotinas urbanas que perduram até os dias atuais.

**Palavras-chave:** Tempo; Cotidiano; Trabalho.

## **A saudade da *belle époque* em Belém: poder, subjetivação e dispositivo**

*Fernando Augusto Souza Pinho, PUC Campinas, pesquisador, [fernandopinhossa@yahoo.com.br](mailto:fernandopinhossa@yahoo.com.br)*

No conjunto da obra do filósofo francês Michel Foucault, a noção de dispositivo assume maior destaque na passagem de sua abordagem arqueológica para uma abordagem genealógica. Na fase arqueológica, Foucault preocupava-se em descrever epistemes (como lugar de produção de saberes), enquanto que na fase genealógica, com a introdução da análise do poder, o objeto seria

a descrição de dispositivos (disciplinar, o carcerário, de poder, de saber, de sexualidade, por exemplo). Parece, então, haver um deslocamento da noção de episteme para a noção de dispositivo de poder, e posteriormente para uma problematização do dispositivo como produtor de subjetividades e de verdades. É sob essa perspectiva que, a partir da análise do que chamei “sujeito da saudade” em materialidades verbais e imagéticas, que traço um diálogo com a noção foucaultiana de dispositivo para a compreensão do discurso saudosista sobre a *belle époque* paraense. Em linhas gerais, esta apresentação procura dar respostas à seguinte questão: Se a “saudade bellepoquiana” em Belém pode ser tomada como um dispositivo, como a rede que se estabelece entre práticas discursivas e não discursivas que tematizam a memória da Belém da *belle époque* e que promovem um efeito de ausência, de falta a ser satisfeita, como se dá a inscrição do dispositivo saudosista nos campos do poder e da subjetivação?

**Palavras-chave:** Dispositivo; Subjetivação; Governamento.

## **Cinema, discurso e conflitos urbanos**

**Giovana Zimmermann, UFRJ, pesquisadora, [zimmermann.giovana@gmail.com](mailto:zimmermann.giovana@gmail.com)**

Este texto faz um relato de minha experiência na oferta da disciplina optativa “O cinema como dispositivo do discurso sobre os conflitos urbanos”, no curso de graduação em Gestão Pública para o Desenvolvimento Econômico e Social da UFRJ, em 2015, como parte de meu pós-doutorado. A dinâmica da disciplina consistiu na apresentação e discussão em torno de produções fílmicas relacionadas aos estudos urbanos, mais precisamente sobre os conflitos urbanos. Foi enfatizada a promoção do protagonismo dos alunos por meio da problematização de seus cotidianos, conforme as noções de dispositivo segundo Michel Foucault e de tática segundo Michel de Certeau. O cinema funcionou como dispositivo de saber-poder, como ferramenta, como tática, como exercício prático, embora experimental. A disciplina foi encerrada com uma mostra audiovisual, intitulada “Conflitos urbanos, arte e sociedade”, e que constou dos seguintes vídeos feitos pelos alunos: “Alojamento da UFRJ”, “A influência da música na sociedade”, “BRTrem pra quem?”, “Transporte como divisor de classes sociais”, “Mulheres contra Cunha”, “Maré de muros”, “Realidade invisível: um mundo que a sociedade escolhe não enxergar”, “Prisão: a instituição que a sociedade deseja se ver livre”, “Rodas culturais no Rio de Janeiro” e “Traços da rua”, sobre o grafite. Com esse experimento, podemos perceber que os alunos tiveram a possibilidade de agir no interior de suas questões mais prementes por meio do dispositivo audiovisual e, além disso, constatamos que as narrativas fílmicas produzidas pelos alunos foram, de alguma maneira, atravessadas pelos dispositivos disciplinar, carcerário, de poder, de saber e de sexualidade.

**Palavras-chave:** Ensino; Conflitos urbanos; Audiovisual.

## **Posteridades cínicas e vidas queerizadas como possibilidade de questionamento nos/dos contextos urbanos contemporâneos**

**Jamil Cabral Sierra, UFPR, professor, [jamilcasi@gmail.com](mailto:jamilcasi@gmail.com)**

Diante das formas atuais de governamento da diversidade sexual, formas essas que têm operado na lógica de inclusão neoliberal, bem como das políticas identitárias direcionadas à população LGBT, este trabalho parte dos últimos cursos de Foucault para provocar algumas tensões nesse empreendimento biopolítico que promove uma espécie de captura da diferença sexual, deixando pouco espaço para a constituição de outros modos de vida ou para aquilo que tenho denominado de **vida vivível**. Por meio do cruzamento entre o que chamo de **atitude queer** e atitude cínica e valendo-me dos aportes foucautianos sobre a noção de ética/estética da existência, do pensamento *queer* e da figura de Gilda, travesti que viveu nas ruas de Curitiba nos anos 1980, ensaio a elaboração de um argumento que pretende questionar a lógica identitária, bem como caracterizar algumas formas contemporâneas de se relacionar com o contexto urbano em que os corpos e sexualidades dissonantes assumem, na cidade, posição central de questionamento frente aos processos de normalização das práticas de gênero sexuais.

**Palavras-chave:** Cinismo; *Queer*; Vida urbana.